Anais do II Simpósio Internacional Pensar e Repensar a América Latina
ISBN: 978-85-7205-159-0

Poéticas de mobilidade na América do Sul: uma compreensão do continente a partir dos processos de criação das rotas de viajantes independentes

Marcela Belchior
Doutoranda e Mestre pelo Programa de Estudos Pós-graduados em Comunicação e Semiótica (PEPGCOS) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)
belchior.marcela@gmail.com

Resumo: Discutimos neste artigo processos de criação na comunicação de viajantes independentes na América do Sul a partir de articulações socioculturais na relação entre caminhantes, residentes, ambientes e contingências nas rotas. Para isso, identificamos e compreendemos alguns aspectos das linguagens nas relações nos espaços públicos urbanos externos e seu potencial articulatório na proliferação criativa nos contextos de encontros e desencontros da cultura de estrada.

Palavras-chave: América do Sul; Viajantes; Criação.

Resumen: Se discute en este artículo procesos de creación en la comunicación de viajeros independientes en América del Sur a partir de articulaciones socioculturales en la relación entre caminantes, residentes, ambientes y contingencias en las rutas. Para ello, identificamos y comprendemos algunos aspectos de lenguajes en las relaciones en los espacios públicos urbanos externos y su potencial de articulación en la proliferación creativa en contextos de encuentros y desencuentros de la cultura de la carretera.

Palabras clave: América del Sur; Viajeros; Creación.

Em 2002, o artista plástico brasileiro Rafael Limaverde, aos 26 anos de idade, deixou a rotina como ilustrador numa redação de jornal em Fortaleza e ganhou o mundo. Numa aventura solitária, percorreu parte da América Latina por dois anos. Ao norte, foi até o México e passou pelo Caribe; ao sul, até a Argentina; de lá, voltou à sua cidade de origem, a capital cearense[1].

Largado estrada afora no lombo de uma bicicleta, Rafael foi construindo sua rota na medida em que pedalava. Ainda que houvesse traçado um plano prévio dos lugares por onde queria passar, na própria estrada é que seus destinos foram se elaborando. Isto se construía a partir da relação de comunicação que estabelecia com outros viajantes que encontrava no caminho e também com os moradores de cada local que cruzava.

Diversos recursos comunicacionais trabalhavam nesta articulação entre pontos de partida e pontos de chegada, além de atuarem como mediação de um processo de socialização, intercâmbio cultural e

[1] A experiência do viajante foi registrada em diário de viagem e publicada posteriormente em livro. *Cf*: LIMAVERDE, Rafael. **Pelos caminhos de nuestra América**: uma pedalada poética pelos confins do continente. Fortaleza: Littere Editora, 2009.

ISBN: 978-85-7205-159-0

geração de novas ferramentas de mobilidade no espaço público urbano externo. Um exemplo era a própria a linguagem visual de Rafael, cicloturista carregado de alforjes, computador de bordo e uma bandeira do Brasil sobre as rodas. Este aparato atuava como sua própria mídia, funcionando como elemento de representação e reconhecimento e, por conseguinte, comunicação e sociabilidade.

Identificado como viajante independente, Rafael continuamente precisava abordar moradores locais e também outros viajantes, assim como era interpelado por eles, enquanto cruzava uma estrada ou descansava num banco de praça; na medida em que tentava chegar a um ponto histórico da cidade ou pedia informações em uma lanchonete de bairro. Tais relações contribuíam para a criação de vínculos efêmeros entre os diversos elementos dessa paisagem e estabelecia vias para uma permeabilidade cultural.

Desse diálogo surgiam oportunidades para se hospedar, de onde comer, a quem procurar ou aonde ir. A partir dessas relações, o viajante conseguia manter a própria sobrevivência e a dinâmica de sua mobilidade, nutrida pelas situações que se construíam no caminho, sempre avançando pelo continente. Dormiu na casa de moradores locais no México, na Cruz Vermelha na Costa Rica, em delegacia do Peru, em galpão no Equador e acampou em praia da Nicarágua, por exemplo. Pegou carona em barco, seguiu de trem, avançou a pé. Atravessou deserto, rio e manguezal. Apinhou-se com feirantes em carroceria de caminhão. Subiu montanha e desceu em mina, sempre se entrelaçando às paisagens das cidades e estradas e com as culturas locais[2]. Pensando nisso, a partir da acepção do antropólogo brasileiro Viveiros de Castro (2011), poderíamos considerar tal prática uma maneira de canibalizar a América Latina, na medida em que ocorrem durante esses trajetos mútuas incorporações de alteridades.

É desse amálgama de fluxos que trata este Artigo: as rotas flutuantes de pessoas comuns que, na condição de viajantes independentes, deslocam-se pelos países da América do Sul com o objetivo de conhecer o continente e vivenciar novas experiências. Nesse movimento urbano externo, desenvolvem e aplicam habilidades comunicacionais que possibilitam a continuidade de sua própria mobilidade, sempre em diálogo com os contextos socioculturais do trajeto.

Discutimos aqui a experiência de viajantes no contexto do espaço público urbano externo a partir da definição utilizada pelo antropólogo catalão Manuel Delgado, cuja obra discute as estruturas móveis das apropriações sociais do urbano na vida cotidiana. Para o autor, "espaço público urbano" é um tipo de reunião humana na qual há um intercâmbio generalizado e constante de informação, que se estrutura pela

[2] Rafael Limaverde realizou sua experiência de viagem ao longo de 16 (dezesseis) países da América do Sul, do Norte, Central e do Caribe. Nossa pesquisa, embora localizada no contexto sociocultural do continente latino-americano, abrange países particularmente da América do Sul.

ISBN: 978-85-7205-159-0

mobilidade dos atores que dela participam. Delgado afirma que é lugar de e para as relações em público, ou seja, entre indivíduos que estão de passagem, em trânsito e que, nestas circunstâncias, coincidem fisicamente, realizando uma série de acomodações e ajustes mútuos para adaptar-se a essa associação efêmera que estabelecem (DELGADO, 2011, p. 17).

Quem são esses atores sociais? Não são turistas, que, de acordo com definição do sociólogo John Urry (2001), seriam aqueles que excursionam por lazer em breves períodos de tempo por destinos objetificados, vinculados a atividades de consumo de bens e serviços regulamentadas e organizadas por mercado especializado, a partir de expectativas de experienciar prazer e separação com a vida cotidiana. Também não são migrantes, cujo fluxo decorre da busca de reestabelecimento residencial por tempo indeterminado, comumente vinculado a contextos laborais ou políticos (CUTTI, 2015). Tampouco se deslocam em comunidades, clãs ou tribos, como observamos no caso de ciganos ou de companhias circenses, embora possam associar-se a outros viajantes em determinados trechos das viagens.

Para compreendermos do que se trata o fenômeno de mobilidade dos viajantes independentes e alcançar uma definição de sua prática, podemos considerar os variados tipos de experiências que se realiza nesse contexto de estrada. Assim, recorremos à noção de prática de viagem "não institucionalizada", utilizada pelo sociólogo Igor Monteiro Silva, ao se referir aos procedimentos dos chamados *backpackers* ("mochileiros", em tradução ao português), conceito surgido nos anos 1990 e uma das categorias nas quais se podem reconhecer viajantes independentes (SILVA, 2015). De acordo com essa acepção, a experiência desses atores sociais evitaria a adesão ao consumo turístico e suas rotas convencionais, mobilizando valores como autonomia e flexibilidade, além de atuar a partir de baixos níveis de planejamento, com restrições orçamentárias e abertura à incorporação das dinâmicas locais e casualidades nos encontros socioculturais vividos durante sua permanência em trânsito por períodos alargados, que podem se contabilizar em meses ou até anos, nunca por dias. Além de prolongada experiência temporal, podemos destacar que esses viajantes independentes vivenciam esta condição por escolha, não por necessidade prática, e tendem a seguir estrada por extenso circuito territorial, cruzando fronteiras entre regiões e países, atuando também como articuladores entre as diversas culturas e localidades.

Para reconhecer o fenômeno, também podemos relacionar essas viagens independentes a um modo de nomadismo, que recorre a uma mescla síncrono-diacrônica entre práticas históricas ancestrais e modos atuais de circulação de povos e culturas, isto é, uma combinação entre variadas épocas e

ISBN: 978-85-7205-159-0

temporalidades. Um exemplo dessa prática articulatória espaço-temporal seriam os chamados "malucos de estrada", apontados por alguns como uma nova geração de *hippies* no Brasil ou, mesmo, como personagens que reformulam esse modo de viver, adequando-o a novos contextos. São peregrinos e sobrevivem de artesanato que fazem com arame, cerâmica, sementes, cascas, penas, madeira, entre outros materiais. Viajam sozinhos e, eventualmente, em conjunto. Também chamada de "Cultura de BR", os sujeitos que fazem parte desse grupo social são canibais culturais e praticam desobediência civil, alijando-se de sistemas sociopolítico-econômicos hegemônicos, mais integrados às bordas socioculturais.

Ainda nessa tentativa de definição, podemos compreender que os viajantes independentes percorrem o continente sem destino certo, embora muitas vezes tracem rotas, e estão em constante diálogo com os locais por onde passam. Vivenciam a experiência no próprio percurso e não apenas no local de chegada. São distintos entre si, tendo variadas nacionalidades, níveis de escolaridade, profissões e inserções em grupos sociais. Na medida em que caminham e se conectam às diversas circunstâncias de viagem, assumem, traços arquetípicos manifestos nessa cultura de estrada: vagabundos, forasteiros, *trotamundos*, aventureiros, mochileiros, deslizando por entre essas *personas*, sem, no entanto, fixar-se numa única identidade (COHEN, 2002).

São inúmeras as motivações: erram pela América do Sul por desacordo ao seu lugar de origem; aventuram-se pelas paisagens e recantos do continente por diversão e desafio; vivem à deriva por uma temporada de autoconhecimento; vagueiam para conhecer os espaços e vender suas bugigangas *etc*. Em muitos casos, esgueiram-se de um estilo de vida protocolar e movem-se para a criação de vivências alternativas a determinados padrões, sugestionados por uma cosmovisão relacionada à liberdade e à incorporação de culturas diversas. Um aspecto que os une é o fato de estarem em trânsito, priorizando conhecer diversos destinos e culturas, figurando como elementos mediadores de uma interlocução entre cenários e sujeitos. Dizendo de outro modo, sua prática funcionaria como uma espécie de fio que teceria conjuntamente seus deslocamentos aos ambientes, tramando complexos amálgamas das possibilidades de relações na América do Sul (SILVA, 2015, p. 84).

O argentino Juan I. P. conta que estudava Sociologia em uma universidade de seu país e trabalhava nove horas por dia quando, em abril de 2012, decidiu viajar pelo continente latino-americano. "Si quieres comprender un malabarista, hay de ser un malabarista. Si quieres comprender un artesano, hay

ISBN: 978-85-7205-159-0

de ser un artesano[3]", afirmava. Em princípio, viajavam ele e um amigo estadunidense, de bicicleta. No decorrer do caminho, cada um tomou um rumo — de *bike*, a pé, de carona, em trem, barco, ônibus, avião; como fosse. Com o passar de meses e anos, Juan, que prossegue viajando, intercala entre a viagem solitária e a companhia de outros viajantes que conhece durante o trajeto, assim como oscila entre momentos de maior mobilidade e períodos de temporário assento em localidades da América Latina, estabelecendo algum nível de vínculo com os residentes.

Quando partiu da Argentina, Juan não possuía nenhum ofício artesanal. Aprendeu a arte do malabarismo e outras habilidades ao longo do percurso, aproximando-se do teatro *clown*. Do mesmo modo que as circunstâncias da estrada modificam ou sugerem o itinerário dos viajantes, estes andarilhos também interferem nesse complexo e igualmente se transformam, desenvolvendo habilidades que lhes assegurem a continuidade da experiência de mobilidade. Recorrendo a Edgar Morin, podemos compreender nessas relações um nível de organização complexa: "os indivíduos, em suas interações, produzem a sociedade, que produz os indivíduos que a produzem. Isto se faz num circuito espiral através da evolução histórica" (MORIN, 2007, p. 87).

No ano de 2013, o engenheiro mecânico peruano Pablos M. estava na Venezuela em mais um período sabático em que viajava pela América do Sul. A pretensão era permanecer por um ano em trânsito. O principal meio para conseguir hospedagem era o *CouchSurfing*[4], mas contava que havia vários recursos que aplicava para se manter caminhando. "En viajes, se puede ser cualquier cosa. Cualquier cosa que genere dinero instantáneo"[5], dizia.

Além das artes do circo, como já mencionamos, apresentadas comumente em semáforos das ruas e em praças das cidades, uma das principais atividades que geram recursos materiais para manter a dinâmica da viagem é o artesanato. Os *viajeros* recolhem materiais diversos acessíveis em qualquer localidade do continente, tanto de aproveitamento direto (como penas, dentes de animais, pedras e palha) como itens manufaturados, como arame de ferro, cobre e latão, linhas de crochê e couro. "A gente produz

[3] "Se queres compreender um malabarista, há de ser um malabarista. Se queres compreender um artesão, há de ser um artesão", em tradução livre. Depoimento para a pesquisadora, em agosto de 2013, na maloca de uma hospedaria caseira, no distrito Alter do Chão, município de Santarém, estado do Pará, Brasil.

[4] O Projeto *CouchSurfing* (PC) é um serviço de intercâmbio de hospedagem com base na internet. Os usuários se cadastram no site <www.couchsurfing.com> e podem articular com viajantes e residentes de mais de 180 países e territórios a oferta de acomodação gratuita em sua própria casa, bem como solicitar o alojamento na casa de alguém. Em tradução livre, *CouchSurfing* seria "Surfe de sofá", ou seja, a ideia é transitar, praticando a solidariedade e a sociabilidade por meio da disponibilização de hospedagem caseira. A prática é frequente entre mochileiros de todo o mundo.

[5] "Em viagens, se pode ser qualquer coisa. Qualquer coisa que gere dinheiro instantâneo", em tradução livre. Depoimento para a pesquisadora, em setembro de 2013, no mercado público do município de Santa Elena de Uairén, departamento de Bolívar, Venezuela.

ISBN: 978-85-7205-159-0

as peças de acordo com o lugar que a gente está. Se estamos no norte [do Brasil], temos acesso a muitas penas de animais, sementes. Se estamos no litoral, coletamos búzios, fazemos brincos de coco", contou uma viajante brasileira[6], demonstrando uma das maneiras de o caminhante criar a partir das culturas locais. Outra vantagem é a absoluta mobilidade que um viajante adquire quando suas peças cabem num pequeno expositor de pano ou dentro da mochila, podendo produzir e vender em qualquer local — um banco de praça, uma pedra de cachoeira, uma fila de rodoviária, entre outros ambientes.

Os ofícios desses andarilhos atuam diretamente na relação estabelecida entre visitante e residente em uma cidade ou localidade. Os que fazem música nos espaços públicos externos, como calçadas, transportes públicos e pontos turísticos, transmudam o ambiente urbano e propõem novas miradas, oferecendo sua música nativa e/ou criando a partir dos sons locais e da estrada. Esses forasteiros integram-se, ainda, aos serviços e comércios locais, como lojas e restaurantes, para trabalhos temporários. Alguns montam tabuleiros de comidas; outros criam *websites*, *blogs* e/ou *fanpages* para compartilhar da experiência e gerar renda; muitos fazem economia de dinheiro e viajam com reservas em caixa.

Podemos afirmar que há nesses encontros relações de interdiversidade[7], ou seja, nos quais as heterogêneas alteridades em questão incorporam-se entre si por meio de operações metonímico-tradutórias. São diversos também os arranjos possíveis nos processos de comunicação que levam à manutenção da mobilidade a partir das habilidades, recursos, contatos, estímulos, afetos e propostas que emergem do fluxo do imprevisto, do movimento urbano externo, especificamente na América do Sul, região continental de grande variação de encontros e relações culturais. Numa viagem, é preciso tomar decisões a todo instante, pois é vasto o potencial para se deparar com uma situação nova. Assim, os viajantes aprendem a tirar proveito do inesperado e da mudança de planos, aperfeiçoam sua capacidade de adaptação e criação, reconhecem e desenvolvem colagens entre as informações e elementos culturais que surgem no caminho para construírem relações e abrirem rota para um novo destino.

Durante seu percurso, as trajetórias desses andarilhos cruzam-se com (micro) rotas de pessoas que estão em sua jornada rotineira, atravessam o itinerário de outros viajantes, deparam-se com paisagens naturais/culturais diversas diariamente e combinam-se a elas levando consigo seu próprio repertório cultural. Todos esses elementos, postos em contato e fricção, produzem algum nível de transformação

[6] Depoimento para a pesquisadora, em janeiro de 2015, num coreto de praça pública do distrito Vale do Capão, município de Palmeiras, na Chapada Diamantina, estado da Bahia, Brasil.

[7] Termo utilizado pelo pesquisador brasileiro Amálio Pinheiro. Segundo Pinheiro, não basta constatar a diversidade, sendo fundamental compreender as relações de interpenetração que esses diversos elementos culturais, móveis e em diálogo, estabelecem entre si nos variados contextos.

ISBN: 978-85-7205-159-0

mútua. Os fluxos de cada um se tocam entre si e, rapidamente, se distanciam, pela própria dinâmica da jornada, sempre em movimento. Durante uma viagem, os vínculos são feitos e desfeitos rapidamente, e essas relações abrem caminho para se explorar e se reconhecer textos próprios da América do Sul, criando também novos textos, nutrindo uma teia comunicacional e semiótica complexa.

Confluências históricas de viagens e viajantes

A América do Sul nasceu de viagens e delas somos feitos. Desde os primeiros registros históricos de encontros de culturas — promovidos por viagens da expansão marítima dos séculos XIV e XV e conquista econômico-cristã dos europeus sobre povos ameríndios —, apontava-se que, daquela fricção entre indígenas, exploradores e cenários, derivavam-se sociedades com tendências às múltiplas incorporações de heterogeneidades. Tais confluências estão documentadas em diários, cartas, crônicas e relatórios de navegadores italianos como Cristóvão Colombo[8] e Américo Vespúcio (VESPÚCIO, 1984), do escrivão português Pero Vaz de Caminha (CASTRO, 1985), do frei dominicano espanhol Bartolomé de las Casas, do cronista Pedro Mártir de Anglería[9]. Nos séculos posteriores, importantes escritos do missionário português Antônio Vieira (VIEIRA, 2015), bem como relatos de outros viajantes que rumavam para o Novo Mundo construíam um conhecimento sobre os aspectos dos encontros culturais em terras americanas.

No Brasil oitocentista, a chegada da Corte portuguesa e a abertura dos portos da então Colônia favoreceram uma confluência de estrangeiros no país sem precedentes, motivados pelos rumores em torno das riquezas minerais, florestas tropicais e culturas exóticas. Comerciantes, mineradores, nobres, diplomatas, militares, funcionários do governo, cientistas, pintores, paisagistas, aventureiros e curiosos registraram amplamente suas impressões da nova terra em livros, cartas e relatórios oficiais, originando o que conhecemos como literatura de viagem (BELLUZZO, 2000).

[8] Durante as primeiras viagens lideradas pelo navegador Cristóvão Colombo em terras americanas, o percurso era fragmentado, orientado a partir dos contatos com os nativos das ilhas do Caribe. Muitas vezes, as informações eram falsas de uma ou de ambas as partes, em jogos de poder, enganação, sedução, comunicação (COLOMBO, 2013). Táticas de indígenas para despistar os intrusos europeus fizeram surgir, inclusive, o mito do Eldorado, a terra banhada em ouro na América Latina (GALEANO, 2011, p. 33).

[9] Apesar de nunca haver estado em terras americanas, Pedro Mártir de Anglería foi o primeiro cronista oficial das Índias, responsável por levantar informações privilegiadas de navegadores e indígenas e difundi-las internacionalmente (SERNA, 2012).

ISBN: 978-85-7205-159-0

Dos muitos tipos de viajantes que já aportaram na América do Sul, uma experiência particular se assemelha ao nosso objeto de estudos: em dezembro de 1951, o guerrilheiro socialista e médico argentino Ernesto Guevara de la Serna (Che Guevara) iniciou um percurso pela América do Sul na companhia do amigo Alberto Granado a partir do mesmo método do improviso, também motivados inicialmente por ideias de intercâmbio cultural, liberdade, autoconhecimento, exploração das terras sul-americanas (GUEVARA; GRANADO, 1992). Partiram da capital argentina, Buenos Aires, cruzaram a costa atlântica do país, passando pela região dos Pampas, atravessaram a Cordilheira dos Andes para chegar ao Chile; rumo ao norte, foram em direção ao Peru, conheceram também a Colômbia e finalmente alcançaram Caracas, a capital da Venezuela (GUEVARA, 2001).

Nas décadas de 1960 e 1970, as viagens independentes foram comumente empreendidas por *hippies* e outros "desenraizados". Já a partir dos anos 1990, tais práticas empreenderam crescimento entre diversos grupos sociais, estimulado pelo desenvolvimento de tecnologias de comunicação e transporte, mobilizando jovens que as compreendiam como "ritos de passagem", comportamentos marginais e/ou oportunidades de aquisição de capital cultural (SILVA, 2015, p. 16). Nessa mesma época, surgiu o conceito de *backpacker*[10].

Embora distantes no contexto temporal, social e motivacional, é possível afirmar que antigos viajantes e muitos desses atuais peregrinos de mochila compartilham certos aspectos. Para ambos, por exemplo, a construção dos caminhos só é possível na relação com os residentes, promovendo o encontro entre textos de cultura nativos e estrangeiros, observado em expressões diversas dessa relação do movimento urbano externo e realizando uma operação tradutória própria do encontro de culturas na América do Sul.

Espaços de fluxo e proliferação de relações

"Caminante, son tus huellas/el camino y nada más/Caminante, no hay camino/se hace camino al andar"[11]. Os versos do poeta modernista espanhol Antonio Machado representam uma das principais

[10] Em conceito elaborado por Philip Pearce, *backpackers* são sujeitos que realizam viagens de longa duração, cruzam fronteiras, atuam a partir de orçamento reduzido, flexibilidade de planos e se engajam em atividades informais, próximas às dinâmicas locais (PEARCE *apud* SILVA, 2015). O termo *backpacker* (ou mochileiro) é rejeitada por muitos viajantes porque passou a ser explorada como nicho de mercado pela indústria turística, desconstruindo parte de sua acepção (SILVA, 2015, p. 45-47).

[11] "Caminhante, são tuas pegadas/o caminho e nada mais/Caminhante, não há caminho/faz-se o caminho ao andar", em tradução livre (MACHADO, 2008).

ISBN: 978-85-7205-159-0

características do fluxo dessa cultura de estrada, numa metáfora da própria vida: não há caminho fixo, único para se chegar a algum lugar; ele é construído das experiências ao longo do percurso.

Partindo do propósito de compreender os processos de criação do nosso objeto de estudos, ou seja, as tramas comunicacionais construídas nas relações de viajantes com residentes, ambientes e contingências (acasos, afetos, acontecimentos etc.) em suas permeabilidades de fronteiras durante seus trajetos pela América do Sul, discutimos particularmente neste texto, como parte do escopo de nossa pesquisa, um aspecto específico deste fenômeno: 1) a cultura de estrada se desenvolve no espaço público externo. Para compreender a sociabilidade no espaço público externo, dialogamos com os conhecimentos de antropologia urbana[12] do pesquisador já mencionado Manuel Delgado.

Assim, o primeiro destaque a fazer é que o espaço exterior é o local do acontecimento e se organiza continuamente, a partir do deslocamento dos indivíduos. Delgado (2007) aponta como característica singular dessa zona de convivência a proliferação de um emaranhado diversificado de relações, compostos de usos, adequações contínuas e mútuas, que emergem não de pontos fixos, mas móveis, ou seja, destinados a se dissolver e a reagrupar-se em seguida, continuamente. Segundo o autor, não seria o espaço urbano[13] uma construção fixa, mas uma atividade, uma ação interminável, em duplo sentido de desconhecimento mútuo e de formulação de novos recursos, cujos protagonistas se diluem entre esses usuários que reinterpretam a forma urbana a partir das formas de um ir e vir por seus caminhos.

Nesse contexto do movimento urbano, para Delgado, as relações estabelecidas pelos viajantes independentes funcionariam como um diagrama, composto por permanentes combinações entre os espaços e seus transeuntes, em processos de sociabilidade, conflitos, formas de conhecer e interpelar. É nesse exterior que ocorrem encontros casuais, associações entre estranhos, práticas comunicativas complexas e aceleradas, ambiente de alteridade generalizada. Da viagem independente, aberta às interposições do meio do caminho, derivam-se sociedades instantâneas, que se produzem entre

[12] O objeto da antropologia urbana são as estruturas líquidas, flutuações, intermitências, confluências do espaço urbano. Ela difere de uma antropologia do espaço ou da cidade, que se ocupa do espaço construído, assentado, habitado, estável. O urbano é a relação que se desprende nesses espaços, transcendendo cidades e territórios. Assim, o que implica a urbanidade é a mobilidade. Uma antropologia urbana seria, então, uma antropologia das configurações pouco orgânicas, submetidas a oscilações e dissoluções, é um olhar por sobre o instável. (DELGADO, 1999, p. 12).

[13] Considerando que o "urbano" difere de "cidade". Segundo Delgado (2007, p. 11), a cidade é um sítio, um local onde se levantam construções e se forma um conjunto complexo de infraestruturas, onde vive determinada população. Já o urbano seriam as práticas ocorridas nesses espaços, movidas por seus habitantes em permanente diálogo com o ambiente físico. O espaço urbano se faz, sim, das fachadas dos edifícios, dos monumentos, mas também do horário, das condições climáticas, se é dia de festa ou de trabalho, assim como de seus cheiros, cores, sonoridades, em contínua relação com seus transeuntes.

ISBN: 978-85-7205-159-0

desconhecidos em inclusões transitórias, que podem se construir a partir de relações dramatúrgicas, ritualizadas, ao mesmo tempo espontâneas, nunca repetidas. São acontecimentos, situações e ocasiões que emergem dos cruzamentos de rotas que os próprios viajantes favorecem, por seu caráter móvel, furtivo e antropofágico, dotados de grande poder de adaptação (DELGADO, 1999, p. 13).

Podemos observar, nesse jogo, simultaneidades, negociações, vínculos débeis, deslizamentos, entrecruzamentos e bifurcações, favorecendo um traçado rizomático das rotas do continente sul-americano. No urbano, a territorialização é um pacto temporário, acompanha o indivíduo, se expandindo ou contraindo-se em função dos tipos de encontro. É como o transcurso da vida, mas sintetizada e representada com elevada potência e aceleração durante a viagem.

Delgado destaca, assim, uma dimensão líquida e instável do urbano, chamando-o "espaço itinerante", "espaço-movimento", "territórios circulatórios" (DELGADO, 1999, p. 178). Ainda de acordo com o antropólogo, as cidades planificadas, produto de seu desenho urbanístico e arquitetônico, politicamente determinadas e ordenadas, se opõem às cidades praticadas, mantidas sob codificações alternativas, através das operações em microestruturas fugazes e flutuantes, micropoderes, astúcias, descontinuidades mal articuladas, incertas, insubordinadas ao preestabelecido, combinadas ao infinito.

Nessa cultura de estrada, em seu amontoado de signos semoventes, quase nada "fica", apenas "passa", ou seja, é ambiente de permanente desterritorialização e reterritorialização, com componentes sucessivos e instáveis; vive-se em fronteiras, favorecendo a mobilidade e estimulando as recomposições das relações entre seus transeuntes[14]. Importante destacar que a urbanidade não se manifesta apenas nas cidades urbanizadas, sendo um aspecto relacional. Seu oposto não é o "rural", mas o "comunitário". Assim, em espaços naturais abertos ou povoados recônditos podem se estabelecer relações tão tipicamente urbanas quanto no centro de uma metrópole. Isso inclui o trajeto de *viajeros* na América do Sul, incluindo, por exemplo, estradas, trilhas, campos, montanhas, desertos, transportes públicos e rodoviárias.

[14] Importante destacar que a urbanidade não se manifesta apenas nas cidades urbanizadas, sendo um aspecto relacional. Seu oposto não é o "rural", mas o "comunitário". Assim, em espaços naturais abertos ou povoados recônditos podem se estabelecer relações tão tipicamente urbanas quanto no centro de uma metrópole. Isso inclui o trajeto de *viajeros* na América do Sul, incluindo estradas, trilhas, campos, montanhas, desertos, transportes públicos e rodoviárias, por exemplo.

ISBN: 978-85-7205-159-0

REFERÊNCIAS

BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. **O Brasil dos viajantes**. Rio de Janeiro: Objetiva; São Paulo: Metalivros, 2000.

CASTRO, Silvio (Introdução, atualização e notas). **A carta de Pero Vaz de Caminha**. O descobrimento do Brasil. Coleção "A visão do paraíso". 2ª edição. L&PM Editores: Porto Alegre, 1985.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Tradução de Epharim Ferreira Alvez. 11ª edição. Petrópolis: Vozes, 1994.

COHEN, Renato. **Performance como linguagem**. Criação de um espaço-tempo de experimentação. São Paulo: Perspectiva, 2002.

COLOMBO, Cristóvão. **Diários da descoberta da América**: as quatro viagens e o testamento. Tradução de Milton Persson. Porto Alegre: L&PM, 2013.

CUTTI, Dirceu *et al* (Orgs.). **Migração, trabalho e cidadania**. São Paulo: EDUC, 2015.

DELGADO, Manuel. **El animal público**. Hacia una antropología de los espacios urbanos. Editorial Anagrama: Barcelona, Espanha, 1999.

_____. **El espacio público como ideología**. Madrid: Catarata, 2011.

_____. **Sociedades movedizas**. Pasos hacia uma antropologia de las calles. Barcelona: Anagrama, 2007.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Tradução de Sergio Franco. Porto Alegre, RS: L&PM POCKET, 2011.

GUEVARA, Ernesto Che. **De moto pela América do Sul**. Diário de viagem. São Paulo: Sá/Rosari, 2001.

_____; GRANADO, Alberto. **Viaje por Sudamérica**. La Habana: Abril, 1992.

LIMAVERDE, Rafael. **Pelos caminhos de nuestra América**: uma pedalada poética pelos confins do continente. Fortaleza: Littere Editora, 2009.

MACHADO, Antonio. Proverbios y cantares XXIX. In: MACHADO, Antonio. **Campos de Castilla**: 1907-1917. Ediciones Cátedra, S/A, 2008

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução de Eliane Lisboa. 3ª edição. Porto Alegre: Sulina, 2007.

SERNA, Mercedes (Edición, introducción y notas). **La conquista del Nuevo Mundo**. Textos y documentos de la aventura americana. Coleción Clasicos Castalia. Barcelona: Edhasa (Castalia), 2012.

SILVA, Igor Monteiro. **O mundo não é tão grande**: uma etnografia entre viajantes "independentes" de longa duração. 2015. 265 f. Tese. (Doutorado em Sociologia) - Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

ISBN: 978-85-7205-159-0

TURNER, Victor W. **O processo ritual**: estrutura e anti-estrutura. Tradução de Nancy Campi de Castro. Petrópolis: Vozes, 1974.

URRY, John. **O olhar do turista**: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas. Tradução de Carlos Eugênio Marcondes de Moura. 3ª edição. São Paulo: Studio Nobel: SESC, 2001.

VESPÚCIO, Américo. **Novo Mundo**. Cartas de viagens e descobertas. Coleção "A visão do paraíso". Tradução e introdução de Luiz Renato Martins. L&PM Editores: Porto Alegre, 1984.

VIEIRA, Antonio. **Obra completa**: Padre Antônio Vieira. Dir. Jose Eduardo Franco e Pedro Calafate. Lisboa: Círculo de Leitores, 2015. 30v.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O mármore e a murta: sobre a inconstância da alma selvagem. In: _____. **A inconstância da alma selvagem** – E outros ensaios de antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2011.